

O APOCALIPSE DO APÓSTOLO JOÃO: UMA ABORDAGEM FANTÁSTICA DO CONTO BÍBLICO

Aline Ribeiro dos Santos¹

Carla Ester Garcia Ribeiro Wojcik²

Caroline Ferreira Corrêa³

Rafael Alexander Barbosa⁴

Rogério Luiz Camargo⁵

RESUMO

O livro do Apocalipse do apóstolo João, último livro da Bíblia, é mundialmente conhecido pelo seu caráter profético a respeito dos fins dos tempos. Contemplando bestas, anjos e demônios, a narrativa apocalíptica do livro é caracterizada como precursora do gênero. Porém, em 2006, o autor Flávio Moreira da Costa, ao compor sua antologia Os Melhores Contos Fantásticos, coloca a obra como introdutória. Para compreender a antítese então originada, livro profético versus obra fantástica, o trabalho se apropria de teorias da literatura advindas de teóricos como Terry Eagleton e Massaud-Moisés para compreender a caracterização da obra, primeiramente, como literatura. Da mesma maneira, a partir dos estudos de Tzvetan Todorov, é compreendido o conceito de literatura fantástica, bem como seus desdobramentos, fantástico-estranho e fantástico-maravilhoso, a fim de elencar quais elementos dessa narrativa são contemplados no

¹ Aluna do curso de Letras Português/Inglês na FAE Centro Universitário. *E-mail*: aline.mendy2802@gmail.com

² Aluna do curso de Letras Português/Inglês na FAE Centro Universitário. *E-mail*: carlaestergr@hotmail.com

³ Aluna do curso de Letras Português/Inglês na FAE Centro Universitário. *E-mail*: carol__correa@hotmail.com

⁴ Aluno do curso de Letras Português/Inglês na FAE Centro Universitário. *E-mail*: rafaalexander2@gmail.com

⁵ Orientador da pesquisa. Doutor em Letras pela UFPR. Graduado em Letras e também em Jornalismo pela Unicentro. Especialista em Linguística e Literatura pela Unicentro. Professor da disciplina de Crítica literária e TCC II na FAE Centro Universitário. *E-mail*: luiz.camargo@fae.edu

“Apocalipse”. Todavia, uma vez que se trata de uma investigação de caráter estético e não teológico, considera-se que a pesquisa se afasta do âmbito religioso, pois para os cristãos o livro possui teor profético, o que o torna verdade.

Palavras-chave: Apocalipse; Literatura; Literatura Fantástica; Fantástico-Estranho; Fantástico-Maravilhoso.

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o livro do “Apocalipse”, do apóstolo João, identificando-o como literatura fantástica, maravilhosa ou estranha. Uma vez que se trata de uma investigação de caráter estético e não teológico, considera-se que a pesquisa se afasta do âmbito religioso, pois, para os cristãos, o livro possui teor profético, o que o torna verdade.

Partindo desse princípio, em primeiro lugar, caracteriza-se o que é literatura e o que é literatura fantástica, assim como os motivos que levaram o livro de “Apocalipse” do apóstolo João a ser incluído na antologia de Flávio Moreira da Costa (2006), *Os Melhores Contos Fantásticos*. Após a identificação do “Apocalipse” em um determinado gênero literário, identificam-se as características da narrativa no conto, extraindo exemplos e buscando informações que comprovem ou discordem do conceito abordado. Tais análises são baseadas em autores como: Tzvetan Todorov – *Introdução à literatura fantástica*; Francesco Orlando – *Estatutos do Sobrenatural na Narrativa*; Antônio Candido – *A Personagem de ficção*; Roberto Acízelo de Souza – *Teoria da literatura*; Antoine Compagnon – *Literatura para quê?*; e Terry Eagleton – *Teoria da Literatura*, etc.

Logo, os estudos que abrangem esta pesquisa visam à apropriação, não só de teorias acerca da literatura e suas abordagens, mas também da maneira como elas estão dispostas em determinados segmentos, como nos livros bíblicos. Estes, por sua vez, conquistam, influenciam e até mesmo implantam uma ideologia em seus leitores, superando não só uma linha temporal, mas também as mudanças culturais que se dissiparam pelo mundo, mantendo, porém, suas qualidades literárias intactas.

Diante do exposto, o objetivo geral da investigação é compreender as razões pelas quais o livro de “Apocalipse” pode ser lido como literatura fantástica. Para tanto, alguns objetivos específicos são necessários, a saber: Conceituar a literatura com uma abordagem geral e atual; Discorrer sobre as características da literatura fantástica, estranha e maravilhosa; Identificar as características da literatura fantástica, estranha e maravilhosa no livro do “Apocalipse” e explicar o motivo pelo qual o livro é considerado literatura fantástica.

O livro de “Apocalipse”, como já mencionado, foi eleito um dos melhores contos fantásticos de todos os tempos, porém, ainda não há estudos que aprofundem os aspectos e características da literatura fantástica em relação ao texto bíblico. Seguindo esse princípio, o presente trabalho torna-se relevante para o meio literário, ao afastar o livro da dogmática cristã, aproximando-o de uma análise exclusivamente literária.

Portanto, este trabalho estrutura-se, além desta introdução, nos seguintes capítulos: “Conceituando Literatura”, no qual discorre-se sobre os conceitos de literatura, visto que não se pode defini-la com apenas um conceito, sem considerar tantos outros existentes.

No segundo capítulo, inicia-se a temática apocalíptica, na qual se apresenta o autor do livro, o apóstolo João, bem como o próprio livro de “Apocalipse” e seu contexto histórico, na tentativa de compreender o que o levou a escrever a obra, assim como, suas motivações.

Logo, nos três últimos capítulos, são apresentados os conceitos a respeito da literatura fantástica – estranha e maravilhosa – seguidos pelos estudos focados em uma análise aprofundada dos conceitos fantásticos dentro do “Apocalipse”, a fim de caracterizá-lo em alguma das vertentes fantásticas. Tenta-se, então, provar qual delas prevalecerá durante a leitura da obra. Inicia-se pelo fantástico, passando pelo estranho e finaliza-se o estudo com as observações quanto ao maravilhoso.

Desse modo, a conclusão será feita a partir das análises e resultados obtidos ao longo do trabalho, a fim de provar se realmente é possível ler o “Apocalipse” como obra ficcional e em quais das vertentes do fantástico ele mais se adequa.

1. CONCEITUANDO LITERATURA

É inviável falar de literatura a partir de uma definição estática ou um conceito demasiadamente conclusivo. Levando em conta a diferença entre definição e conceito, em que uma trata do caráter particular e o outro considera o campo das ciências e características universais para qualificar o objeto de estudo, já afirmava Massaud-Moisés (1973) que “dar definições à Literatura é impossível” (MASSAUD-MOISÉS, 1973, p. 17). A discussão sobre o conceito de literatura ocorre desde Platão e Aristóteles e, até hoje, os teóricos discorrem sobre qual seria o melhor resultado para essa equação.

De uma maneira mais objetiva, o autor destaca seu entendimento sobre uma possível definição de literatura, segundo a qual “Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção, ou da imaginação, por meio de palavras de sentido múltiplo e pessoal. Ou, mais sucintamente: Literatura é ficção” (MASSAUD-MOISÉS, 1973, p. 19).

Porém, Terry Eagleton, em *Teoria da Literatura: uma introdução* (2006), trabalha não apenas com uma, mas várias definições acerca da literatura. Em uma delas, ele apresenta uma perspectiva um pouco diferente. No capítulo introdutório da obra, denominado “*O que é literatura*” o autor relata que a literatura pode ser definida como escrita imaginativa, no sentido de ficção. Tal definição, porém, parece não dar conta do que a noção de literatura representa.

O autor, na tentativa de responder a grande questão sobre o que é literatura, cita o estudioso Roman Jakobson, para quem a literatura afasta-se da linguagem do cotidiano e transforma a linguagem comum, ou seja, relata que a literatura é uma violência contra a fala cotidiana.

Nesse sentido, arte literária, além de ter um conceito muito amplo e subjetivo, tem um significado estritamente ligado à imaginação e à ficção, não somente do autor em si, mas a interação e criatividade do leitor tornam-se importantes para o objetivo real da literatura, pois a “definição de literatura fica dependendo mais da maneira pela qual alguém resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido” (EAGLETON, 2006, p. 12).

Para Antoine Compagnon (2009), por sua vez, a literatura exerce certos poderes sobre os leitores. Para ele uma possível definição do poder de literatura é demonstrada como a evolução da literatura, juntamente com a sociedade, modificou os conceitos e a utilização do termo, atribuindo-lhe o significado de uma forma de prazer, como puro entretenimento.

Diante do exposto, nota-se que a literatura de maneira geral pode oferecer várias faces, porém, a interação do leitor ao ler um texto é o resultado essencial para os seus desdobramentos. Assim sendo, não é possível definir a literatura por meio de apenas um conceito, pois há vários teóricos que discorrem sobre ela e suas teorias não estão nem certas e nem totalmente erradas.

2. O APOCALIPSE E O AUTOR JOÃO

É praticamente impossível introduzir o livro do “Apocalipse” sem vincular a imagem de João, como autor e narrador, e também o contexto de onde ele foi escrito. Por isso, explicitam-se alguns aspectos relevantes quanto ao gênero apocalíptico e o seu autor-personagem.

Logo, se analisado literariamente, o “Apocalipse”, ainda assim, contém um apanhado de significados e simbologias que precisam ser desvendados pelo leitor, para que haja uma leitura completa e até mesmo imparcial quanto aos fatos religiosos. O

doutor em teologia David Broadus Hale declara em sua obra *Introdução ao Estudo do Novo Testamento* (1983):

O Apocalipse é o mais inspirador, não obstante ser o mais confundido de todos os escritos do Novo Testamento. Para muitos leitores, sua compreensão é tão difícil que eles o negligenciam completamente. (HALE, 1983, p. 310).

Dito isso, voltando a atenção para o “Apocalipse” de João, é fácil perceber como o gênero apocalíptico em si foi baseado exatamente nesse livro, pois ele conta com grande parte das características citadas.

Uma das questões mais discutidas pela crítica em relação ao “Apocalipse” é a identidade do autor desse livro, João. O autor considera João o mesmo João que foi apóstolo de Jesus e escritor do quarto evangelho, e é exatamente essa a concepção adotada nesta pesquisa.

É a partir da conclusão de Hale que se embasa esta pesquisa em relação à autoria do texto apocalíptico, ou seja, pela visão de o apóstolo João, popularmente conhecido como o discípulo amado, ter sido o escritor do “Apocalipse”. Além disso, é importante considerar que João foi o autor, o narrador e o protagonista de seu enredo, logo, caracterizando-se como um narrador-personagem.

3. O LIVRO DE APOCALIPSE COMO FANTÁSTICO

O fantástico, segundo Tzvetan Todorov (1981), é um gênero literário que possui como característica elementos não existentes no mundo real, não reconhecidos pela ciência na época em que foi escrito. Devido a esses elementos, o personagem tende a vacilar na presença de acontecimentos sobrenaturais, o que determina o fantástico. Assim, percebe-se no livro de “Apocalipse”, do apóstolo João, essa característica, pois em toda a obra surgem elementos considerados fruto do imaginário, no sentido ficcional, a exemplo de anjos, espíritos, cavalos de diversas cores, vozes, uma besta de sete cabeças, monstros, etc.

É importante considerar que, segundo Todorov (1981), para definir o fantástico, são necessárias três condições: a primeira refere-se ao texto, que deve obrigar o leitor a considerar o mundo do personagem como mundo real e a vacilar na presença do sobrenatural. A segunda condição diz respeito ao leitor que devido a sua crença no personagem, se identificará com esse, no momento da hesitação. Por fim, a terceira condição afirma que o leitor não deve levar para o texto uma interpretação alegórica, que, segundo o dicionário Aurélio é: “Exposição de um pensamento sob forma figurada.

Sequência de metáforas, modo indireto de representar uma coisa ou uma ideia sob a aparência de outra” (AURÉLIO, 2010, P. 95). Pois tal gênero implica, além da hesitação do personagem, na rejeição.

Voltando a atenção para o livro analisado, nota-se que, já no primeiro capítulo, adentra-se ao campo do sobrenatural. João escreve as sete cartas para as sete igrejas e, na introdução dessas cartas, relata que estava na Ilha de Patmos, lugar em que se encontrava exilado, quando foi dominado pelo Espírito de Deus. Percebe-se aí a primeira condição exigida pelo fantástico, visto que o leitor identifica-se com o mundo de João, sendo assim, um mundo aparentemente real, já que a ilha de Patmos, situada na Grécia, é facilmente encontrada em mapas geográficos. Porém, ao ler a passagem em que João foi dominado pelo espírito de Deus, o leitor não reconhece isso como acontecimento explicável pelas leis de seu mundo, o real, desta maneira, a dominação passa ser algo não comum e inexplicável.

Ainda no primeiro capítulo, os acontecimentos lidos são percebidos como extraordinários, pois causam hesitação por parte do personagem, terceira condição exigida pelo gênero, conforme o seguinte trecho: “Quando o vi, caí aos seus pés como morto. Então ele colocou sua mão direita sobre mim e disse: “Não tenha medo, Eu sou o primeiro e o último (BÍBLIA, Apocalipse, 1: 17)”. Aqui, João, apesar de ser considerado um apóstolo — o mais querido de Jesus e sempre muito próximo dele — e ter acompanhado todas as realizações de seu mestre, hesitou ao ver Deus, deixando claro que aquele acontecimento não era comum em seu mundo, reforçando, assim, a condição de perplexidade. Outras passagens, no entanto, permanecem no campo do fantástico, pois não há explicação e conclusão sobre tais visões, como no caso: “e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios” (BÍBLIA, Apocalipse, 1:16). João, em momento algum, interrompe sua narrativa para comentar a respeito das imagens que vê, devido à incerteza causada por tal acontecimento, pois pela racionalidade esse fato não seria possível.

Seguindo o texto, os acontecimentos explicitam ainda mais o que esta análise quer reforçar, isto é, a narrativa fantástica. No trecho, “E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda” (BÍBLIA, Apocalipse, 14: 14), sabe-se que nuvem é elemento da natureza, que faz parte do mundo real, assim como homens, porém, nessa descrição, João relata que alguém, parecido com um homem — neste momento ele não tem certeza do que está vendo, mas sabe que é alguém semelhante com um homem — estava sentado em uma nuvem. A possibilidade de alguém sentar em uma nuvem, nas leis desse mundo, é nula, tendo em vista que uma nuvem, segundo o dicionário Aurélio é: “um conjunto visível de partículas de água ou de gelo em suspensão na atmosfera. 2. Qualquer conjunto de partículas de pó, fumaça,

gases, etc.” (AURÉLIO, 2010, P. 1486). Consequentemente, não é algo concreto, sendo assim, sem possibilidade de sustentar alguém.

Em suma, após o levantamento de alguns trechos do livro, pode-se verificar que o “Apocalipse” contém características de uma narrativa ficcional, mesmo que não em sua totalidade, visto que alguns acontecimentos transcendem para as vertentes estranha e maravilhosa. Essas características, por sua vez, são afirmadas pela presença do sobrenatural, assim como, pela hesitação percebida no personagem, no início da obra.

4. O LIVRO DO APOCALIPSE COMO ESTRANHO

O desdobramento do gênero fantástico para o gênero estranho, segundo o teórico Tzvetan Todorov, ocorre quando o elemento sobrenatural não tem a sua veracidade comprovada, quebrando a verossimilhança. Ou seja, o aspecto transcendental não se comprova como pertencente a um mundo de novo, com novas leis, pois trata-se de fatores do mundo natural empregados de forma manipulada, a fim de serem compreendidos como sobrenaturais.

Por esse viés, concordando com o ideal do mesmo teórico, para quem o gênero literário é considerado um “inventário de possíveis” (1981, p. 75), o “Apocalipse” encaixa-se também no gênero fantástico-estranho, pois contempla, em suas páginas, passagens que, embora representadas de formas místicas, são possíveis no mundo natural. Esse é o caso das sete cartas às sete igrejas da Ásia – Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardis, Filadélfia e Laodiceia – as quais foram ditadas ao narrador, João de Patmos, por Jesus Cristo: “João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco [...]” (BÍBLIA, Apocalipse, 1:4).

Para entender essa afirmação, utiliza-se como recurso o dizer do próprio autor da antologia *Os Melhores Contos Fantásticos*, Flávio Moreira de Costa, acerca da escrita fictícia. Para o autor, a ficção é uma forma diferente de perceber a realidade; elencá-la como mentira é apenas um pensamento rudimentar do senso comum (COSTA, 2006).

Por essa perspectiva, é possível compreender que as cartas, embora dotadas de elementos sobrenaturais – como os próprios destinatários: “Escreve ao anjo que está em Éfeso [...]” (BÍBLIA, Apocalipse, 2:1) – foram enviadas a igrejas contemporâneas ao autor, tratando de um verdadeiro fato histórico, mas que foi abordado de maneira metafórica na escrita. No caso, a palavra “anjo” pode ser considerada apenas uma forma diferente, fictícia, do autor ver os responsáveis pelas congregações, os quais receberiam as cartas.

As cidades, em que as igrejas referidas estavam localizadas, correspondem à atual região sudeste da Turquia. Por terem origem grega, algumas delas, como a de Esmirna e

a de Éfeso, abrigavam grandes templos dos deuses dessa mitologia, tal como o templo de Artêmis, localizado em Éfeso; e o templo de Poseidon, em Esmirna. Na época em que o livro foi escrito, aproximadamente em 90 d.C., o território estava ocupado pelo Império Romano, o qual tinha práticas pagãs, como sacrifícios, que eram realizados em frente aos templos dos deuses pagãos. Esses eventos começaram a seduzir os cristãos de Pérgamo, por exemplo, onde fora construído também um templo para os cultos imperiais para adorar o imperador Domiciano. A partir de então, o desenvolvimento do cristianismo, que crescia nessa região, por meio da evangelização dos apóstolos de Jesus, como o próprio João, começou a perder os seus adeptos.

Segundo historiadores⁶, a prática não era imposta como uma lei, mas o ritual tornou-se tão praticado, principalmente em Pérgamo e em Éfeso, que os que não aderiam a ele eram vistos como traidores.

Além disso, o lugar da adoração e o que adoravam também não convinha ao cristianismo. Os cristãos, a quem João escreveu as cartas, os quais habitavam as sete cidades da antiga Ásia menor, atual Turquia, não deveriam adorar outros deuses além do seu: “[...] Ao Senhor teu Deus adorarás, e só a ele servirás” (BÍBLIA, Matheus, 4: 20).

Diante desse cenário, João vê-se responsável por alertar as igrejas, a respeito dos novos costumes que estavam sendo praticados pelos cristãos, e que não condiziam à doutrina por eles seguida. Quanto ao conteúdo das cartas, o narrador afirma ter sido revelado pelo próprio Jesus Cristo, conforme já apresentado.

Algumas igrejas, como a já mencionada de Pérgamo, aderiu mais aos novos costumes. Isso posto, a carta para ela direcionada fora de repreensão:

12. E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: [...] 13. Conheço as tuas obras, e onde habitas, **que é onde está o trono de Satanás**. [...] 14. Mas algumas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos **sacrifícios da idolatria**, e fornicassem” (BÍBLIA, Apocalipse, 2:12-14, grifo nosso).

Em consonância aos grifos acima, é possível analisar que há relação entre o conteúdo das escrituras e o cenário da época, sendo “o trono de Satanás” o templo dedicado ao imperador romano, o que lhe conferia caráter de idolatria, de acordo com o que fora explicado nos parágrafos anteriores. Nessa mesma perspectiva, da relação entre o texto e o contexto, os sacrifícios da idolatria, citados no exposto acima, são referentes à prática desse mesmo ritual pelos cristãos.

⁶ **As Escrituras – O Apocalipse**. Discovery Channel. Marrocos: BBC Manchester/ Discovey Channel, 2003. 47min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=D4R47lepz3Q&t=38s>>. Acesso em: 01 mai. 2018.

Porém, nem todas as igrejas estavam corrompidas, mas, por manterem-se fiéis, conforme já foi abordado, sofriam perseguição. É o caso das igrejas que estava em Filadélfia:

E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: [...] 8. Conheço as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome. 9. Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem: eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo (BÍBLIA, Apocalipse, 3:7-9).

Os cristãos da cidade de Filadélfia, atual cidade de Alaşehir, não foram repreendidos, pois, de acordo com a carta de João, não se misturaram à religião pagã. Por essa razão, pelo conteúdo das escrituras, foram perseguidos, mas pelos dizeres de João, creditados por ele a Jesus, são aconselhados a não desistirem, mas resistirem.

Isso posto, as cartas, destinadas às sete igrejas, são exemplos de fantástico-estranho dentro do “Apocalipse”. Embora apresentem um caráter fictício, como a menção a anjos e a Satanás – o qual corresponde ao mal na religião cristã – as cartas são avisos para igrejas reais, que existem ou existiram no mundo natural, em que o autor estava inserido. A partir disso, retoma-se o conceito de Flávio Moreira de Costa a respeito da escrita fictícia: “[...] falando de ficção, o que conceitualmente, ao contrário do senso comum, não significa mentira, mas apenas outra maneira de se perceber e afirmar a verdade” (COSTA, 2003, p. 18). Ou seja, as cartas tratavam de assuntos pertinentes à religião que compartilhavam, e dos problemas que enfrentavam pelo cenário da época. Assim, o autor apenas se apropriou de termos advindos do sobrenatural para se referir a indivíduos naturais, em sua produção.

5. O LIVRO DE APOCALIPSE COMO MARAVILHOSO

O *fantástico-maravilhoso*, por seu turno, diferencia-se em muito dos gêneros anteriores, já que mantém a verossimilhança do sobrenatural, comprovando sua existência. É nesse momento – em que comprova a verossimilhança da obra, e real existência do sobrenatural – que se compactua, que o enredo está existindo em um mundo diferente do conhecido pelo leitor.

Adentrando no universo maravilhoso, segundo Tzvetan Todorov, a diferença entre o mundo sobrenatural e o natural não é perceptível na narrativa, porque concebe-se, nessa perspectiva, que o mundo do maravilhoso já não é o mesmo do leitor, pois tem leis transcendentais ao do natural. No gênero *maravilhoso puro* o leitor inicia a narrativa ciente de que se trata de um mundo fantasioso, o qual possui leis sobrenaturais, e são

elas que regem os acontecimentos, dessa forma, não há nenhum tipo de estranhamento ou hesitação. Além do *maravilhoso puro*, ainda, há quatro outros gêneros do maravilhoso que permitem certa justificativa para o sobrenatural.

Primeiramente, há o *maravilhoso hiperbólico*, o qual não se caracteriza na esfera do sobrenatural, uma vez que se trata de um exagero de informação: as dimensões dos objetos, seres, pessoas são maiores do que as naturais. Essas características podem ser reais ou apenas imaginativas, advindas da exagerada descrição feita pelos personagens.

Já o *maravilhoso exótico*, por mais que apresente elementos sobrenaturais, esses não são caracterizados como tal. A narrativa se dá de maneira tão natural que, embora tal elemento seja com toda certeza sobrenatural, não interfere na história, pois se mistura com os elementos naturais. A noção de que há um elemento maravilhoso só é percebido pelo leitor.

Por sua vez, o *maravilhoso instrumental* é definido pela presença de objetos, aparentemente, naturais, mas de origem mágica, isto é, são objetos com poderes. Pois, ainda que sejam objetos existentes no mundo natural, neste, não possuem poderes.

Por fim, tem-se o *maravilhoso científico*, ou ficção científica, no qual o sobrenatural é explicado de forma racional, pela ciência. Porém, essa explicação, ainda que coerente em relação ao mundo da trama, não é conveniente ao do leitor, confirmando a singularidade do mundo maravilhoso que, embora muito se pareça com o natural, não o é.

Por essa perspectiva, o livro do “Apocalipse” pode ser compreendido como uma obra com aspectos maravilhosos, já que, ainda no início da narrativa, é apresentado como uma revelação: “Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo seu anjo as enviou, e as notificou a João seu servo” (BÍBLIA, Apocalipse, 1:1). Considerando que revelação, segundo o dicionário Aurélio de Língua Portuguesa, significa: “[...] 2. Entre os cristãos, ação divina que comunica os homens os desígnios de Deus e a verdade que estes envolvem, sobretudo através da palavra consignada nos livros sagrados [...]” (AURÉLIO, 2010, p. 1838), é possível notar que o próprio dicionário coloca a palavra “revelação” como algo sobrenatural, logo inicia-se a leitura da obra com um viés da literatura *fantástica-maravilhosa*.

Sob a luz da definição de que revelação pode ser algo transcendental, o conteúdo do livro apresenta-se, então, como um fator místico, ou seja, que transcende as leis naturais. Logo, caracteriza um mundo diferente do qual o leitor está inserido, isso posto, qualifica a obra como maravilhosa, pois a insere em um mundo alheio ao qual o leitor habita.

Ainda no primeiro capítulo, o narrador confessa ter sido arrebatado – “Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta [...]” (BÍBLIA, Apocalipse, 1:10) – o que, segundo AURÉLIO, é estar “[...] 3. Extasiado, enlevado, encantado. [...]” (AURÉLIO, 2010, 206), destacando “extasiado”, que por sua vez traduz em: “Êxtase: admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro” (AURÉLIO, 2010, p. 903). Ou ainda, segundo HOUAISS “6. Absorto em transe místico ou êxtase” (HOUAISS, 2009, p. 861). Com isso, agrega-se ao livro o caráter maravilhoso, pois foi escrito sob inspirações extraordinárias que não são sensíveis à explicação científica, do mundo natural.

Além da forma pela qual veio a inspiração, as visões proféticas de João também narram eventos e personagens que são impossíveis de acontecer e de existir no mundo natural, segundo as leis racionais que até então são aceitas, conforme pontua Todorov (1981).

Com base nas análises feitas, a leitura maravilhosa acontece, pois o texto mantém a verossimilhança e a linearidade, já que comprova serem reais os acontecimentos. Visto que, durante toda a obra os fragmentos evidenciados pelo autor mantêm o leitor e também o narrador em hesitação, porém ao final do texto o personagem aceita novas leis como verdade, com isso, distanciando-se do mundo do leitor, mas sugere ao leitor que aceite essas novas leis: “8. E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que, mas mostrava para o adorar” (BÍBLIA, Apocalipse, 22:8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embasado no livro *Os melhores contos fantásticos* do escritor Flávio Moreira da Costa, o estudo buscou justificar a presença do livro bíblico dentro dessa antologia, visto que as características da narrativa fantástica não foram exploradas por Costa.

Considerando-se que, nesse contexto, o “Apocalipse” é um texto literário, escolheu-se analisá-lo em diversos aspectos, a saber: a vida de João, seu autor; a construção da narrativa apocalíptica, considerada fantástica; e as principais vertentes da literatura fantástica, segundo Tzvetan Todorov.

Para respaldar essa pesquisa, precisou-se conceituar a literatura, a fim de provar que o “Apocalipse” pode ser lido como tal e não somente como um livro profético, segundo o Cristianismo. Diante disso, apresenta-se a teoria de Massaud-Moisés, para quem a literatura é como uma expressão de conteúdos ficcionais e imaginativos. Em

consonância, há também o ideal de Terry Eagleton, que, dentre muitas definições, apresenta a literatura como escrita imaginativa, no sentido de ficção. Em contrapartida, Roman Jakobson vê a literatura como uma violência organizada contra a fala comum.

Isso posto, o “Apocalipse” é tido como literatura pelos ideais apresentadas por Eagleton, Massaud-Moisés, bem como, pela teoria de Jakobson, pois, além da linguagem diferenciada, que se distancia da fala comum, o “Apocalipse” apresenta elementos ficcionais, o que caracteriza a escrita imaginativa.

Pela perspectiva apresentada, isto é, a de que há elementos ficcionais no texto, a obra teve como base um viés sobrenatural, assim houve a necessidade de definir o que seria o extraordinário, segundo Francesco Orlando, bem como o que seria literatura fantástica pela visão do teórico Todorov.

Referente ao sobrenatural, evidenciou-se que, para Francesco Orlando, o extraordinário é percebido quando há uma quebra do acordo pré-estabelecido entre o leitor e o personagem, em relação ao que seriam as regras do mundo real. Já para Todorov, o momento em que o sobrenatural surge é caracterizado como fantástico.

Diante disso, estudou-se os trechos do “Apocalipse” na tentativa de encaixar a obra na narrativa ficcional, de concepção fantástica, estranha ou maravilhosa. Os resultados trouxeram clareza quanto ao gênero que o define, ou seja, o fantástico. Visto que, sua narrativa é cheia de relatos considerados sobrenaturais.

Logo, ao examinar-se a obra como fantástica, constatou-se que João, no início de sua narrativa, hesitou ao relatar que viu Deus, o que prova a presença de um ser inexplicável no mundo real. Com isso, evidenciou-se que o livro pode ser lido, sim, como literatura fantástica, pois existem acontecimentos que não podem ser explicados pela ciência, como, por exemplo, os relatos de seres parecidos com animais, pois não é possível identificá-los como seres pertencentes a este mundo, bem como a aparição de um ser, parecido com um homem, sentado sobre uma nuvem.

Ao debruçar-se na investigação do gênero estranho, foram encontrados elementos correspondentes ao mundo real, mas que foram apresentados de maneira ficcional — compreendendo a palavra como uma forma diferente de ver algo — por João. No caso, as sete igrejas, as quais João encaminha cartas, existiram no tempo do autor e os documentos escritos realmente foram enviados a elas; assim como os destinatários eram apenas os presbíteros das igrejas, mas João empregou o termo “anjo”, para referir-se a eles.

Por fim, os desdobramentos quanto ao gênero maravilhoso foram averiguados pelas afirmações do narrador quanto a presenciar fenômenos sobrenaturais, tais como: a aparição de um dragão; uma mulher com o poder de estar vestida de sol e que mantém

a lua sob seus pés; o “livro da vida”, que é capaz de decidir o futuro da humanidade, etc. Por conseguinte, o narrador afirma adentrar no reino dos céus, confirmando estar em um mundo diferente do qual o leitor está inserido, assim, um universo ficcional.

Diante do que foi estudado, constatou-se que o “Apocalipse”, do apóstolo João, pode ser lido como literatura fantástica, estranha e maravilhosa. Uma vez que, foram encontrados elementos, dos respectivos gêneros, dentro da obra.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, J. **Iracema**. 2. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

AZEVEDO, Á. de. **Noite na taverna**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BÍBLIA. A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

CÂNDIDO, A. **A Personagem de ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1968.

COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: UFMG, 2009.

COSTA, F. M de. **Os melhores contos fantásticos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HALE, B. D. **Introdução ao estudo do novo testamento**. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1983.

KAFKA, F. **Metamorphose**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1971.

LASSERRE, E. Introdução. In: HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961. p. 5-19.

LAWRENCE, D. H. **Apocalipse Seguido do homem que morreu**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MOISÉS, M. **A criação literária**: Introdução à problemática da Literatura. 5. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

MOISÉS, M. **A criação literária**: Poesia. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

ORLANDO, F. **Estatutos do sobrenatural na narrativa**. São Paulo: CosacNaify, 2009.

POE, E. A. O corvo. In: _____. **Medo clássico**. Tradução de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Darkside. 2017. p. 359-365.

SHAKESPEARE, W. Hamlet. In: NUNES, C. A. (Trad.). **Teatro completo**: tragédias. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 551-602.

STEVENSON, R. L. **The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde**. Grã-Bretanha: Penguin Classics, 2003.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1981.